

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

CULTURA E TERRITÓRIO

Cláudia Pato de Carvalho

O interior de Portugal inclui um território extenso, desigual e desequilibrado (em relação às zonas costeiras), com um conjunto de recursos naturais, patrimoniais, humanos e sociais dos quais pouco sabemos e dos quais não existe uma inventariação estruturada e organizada longitudinalmente. No que respeita especificamente à área cultural, as zonas do interior apresentam grandes desafios em termos da formulação de políticas públicas. A maioria destas políticas é orientada para as cidades e áreas de maior intensificação e interação económica, carecendo de adaptabilidade às especificidades e necessidades dos locais do interior. Por essa razão, os territórios do interior apresentam acesso desigual a padrões aceitáveis de qualidade e crescentes dificuldades económicas, sociais e ambientais em termos de emprego, oportunidades empresariais, culturais e logística. Estas regiões são normalmente vistas como pouco atraentes, caracterizadas pela distância, pela ruralidade e, em certos casos, pelas duras condições climáticas.

Por outro lado, é possível adivinhar o potencial de alguns territórios remotos e de baixa densidade, onde as possibilidades de criação de emprego diferenciado, de valorização de recursos materiais e imateriais e de criação de sentido de comunidade são mais verosímeis do que em algumas regiões densamente povoadas.

A situação de confinamento decorrente da crise pandémica resultante do impacto da COVID-19 pode exigir uma mudança de para-

digma sobre a forma como olhamos para estes territórios. Essa perceção deverá não ser tão centrada nos ganhos económicos, mas mais na distinção cultural e geográfica das regiões periféricas e semiperiféricas e na identificação de uma variedade de recursos culturalmente relacionados que oferecem um carácter distintivo a esse local específico. Antes de mais, a noção de inovação precisa de ser ampliada. Tradicionalmente, a inovação tende a ser reduzida à investigação e desenvolvimento (I&D) que acontece nos grandes centros urbanos. Mas a inovação também acontece nos locais (tradicionalmente menos atrativos), de outras formas e possibilitando outras articulações com igual impacto. A prática cultural – como atividade, política, espaço de intervenção e de reflexão – pode criar condições para repensar estes territórios a partir de perspetivas inovadoras.

Esta mudança de paradigma pode surgir de um processo de mapeamento cultural. Trata-se de uma abordagem sistemática para identificar, registar e classificar os recursos culturais, materiais e imateriais de uma comunidade. É considerado um campo de investigação interdisciplinar e uma ferramenta metodológica no âmbito do planeamento participativo e do desenvolvimento comunitário. O objetivo é tornar visível a forma como os bens culturais locais, histórias, práticas, memórias e rituais podem transformar os lugares em locais com significado. O mapeamento cultural pode influenciar o planeamento cultural, as políticas culturais e ajudar a definir uma estratégia integrada para uma ação cultural.